

As práticas corporais de Aventura no ensino da Educação Física escolar: Um relato de experiência através do Skate no IFPE - Campus Recife

Edson José da Silva ¹
Rosângela Cely Branco Lindoso²
Lucélia Cintia Cardoso Feliciano³

INTRODUÇÃO

As Práticas Corporais de Aventura (PCA), é uma dentre seis conteúdos de estudos temáticos da Educação Física escolar, de uma área denominada aqui de cultura corporal. Além deste conteúdo, outros cinco se apresentam à título de estudo, pesquisa e trabalho, são eles: Esportes, Jogos e brincadeiras, Dança, Lutas e Ginástica. Dentre estes conteúdos, as PCA são as mais recentes, tendo o seu conteúdo sendo proposto na escola a partir da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017), e tendo sua aplicabilidade no decorrer do ano letivo seguinte.

A possibilidade de aplicabilidade deste conteúdo, segundo o que é descrito pela BNCC, se dá a partir dos anos finais do ensino fundamental, 6º ano, e se estende até o ensino médio. As PCA, podem ser entendidas por sobre duas perspectivas de ensino, uma que busca explorar o ambiente cotidiano/urbano, e uma segunda que busca aventurar-se, construindo uma dialogicidade entre corpo e natureza por sobre o ambiente natural. Como características que as diferenciam de outras práticas da cultura corporal, o risco controlado se apresenta como sendo a principal; visto que durante sua realização, o praticante deve sempre procurar estratégias para uma melhor assimilação.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, edson.jsilvaedf@gmail.com;

² Professora Orientadora: Doutora, Professora Associada da UFRPE - Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, rosangela.lindoso@ufrpe.br;

³ Professora Orientadora: Professora efetiva da rede estadual de Pernambuco, Mestranda em Educação Física-UFRPE, lucelia.ccfeliciano@professor.educacao.pe.gov.br.

Esta experiência teve como conteúdo das PCA Urbanas, o Skate se coloca como sendo uma prática possível dentro das escolas brasileiras. A Oficina que originou este relato de tema: *“o skate como conteúdo de ensino nas aulas de Educação Física escolar”*. O conceito de cultura corporal ao qual nos baseamos para a organização desta intervenção é definido pela abordagem crítico-superadora da educação física, buscando assim uma intervenção direta na realidade dos estudantes por meio do conteúdo construído historicamente pela raça humana. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.42), toda e qualquer atividade que seja proposta para um aluno, deve ser voltada para que este venha a refletir criticamente para a resolução de um problema que se apresenta implícito à própria prática.

A história do skate no Brasil, segundo Honorato (2004), começa de forma mais acentuada no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1964 na rua Maria Angélica. Durante o período da oficina, o ambiente que escolhemos para realização das atividades teve por objetivo aproximar os estudantes da prática do skate street, tornando assim a sua construção durante a oficina a mais fiel possível da sua essência que se deu a partir da prática no solo, primeiramente existente na rua.

O objetivo geral traçado foi proporcionar uma vivência aos estudantes do Instituto Federal de Pernambuco, (IFPE) Campus Recife junto ao conteúdo skate, e a modalidade skate street foi a escolhida para socialização, esta escolha se deu a partir da origem histórica do skate ser indissociável da rua, e por ser a mais vista pelos estudantes em seu dia-a-dia, fora do ambiente escolar por meio das mídias sociais. Como objetivos específicos, traçamos a experimentação do risco controlado e do equilíbrio.

A socialização promovida pela prática do skate street, permite ao praticante ir além do próprio ato de se andar de skate, ela permite ao praticante um novo olhar por sobre a cidade, incita a criação, faz o ato de ir e vir ganhar um novo significado.

Neste momento, pode-se dizer que o skatista torna-se um agrimensor do seu próprio corpo. Parafraseando o “além do homem” nietzschiano, o skatista será o médico que diagnostica os sintomas, isto é, os desafios a serem realizados para concretização das manobras; será também o legislador que avaliará as possibilidades de sua execução. (se possui a base, a técnica, para enfrentar o risco, sem cair no abismo - cria os valores para a expansão de sua potência); e, finalmente, será o artista que cria e provoca ação que, de forma efêmera - como fogos de artifício -, executa o

movimento/manobra , como uma manifestação fisiológica (não natural) de seu desejo. (OLIC, 2012, p. 108).

A prática do skate é algo dialógico, enquanto este se define, e passa a medir a si mesmo, também passa a medir a cidade, dando a ela um novo significado, e por consequência, definido assim o olhar por sobre ela. Efêmero nos movimentos que desafiam a cidade; criativo e subversivo no olhar que impõe sobre ela.

A prática do skate presente nas aulas de educação física permitiu a muitos estudantes não só descobrir algo novo, mas também aventurar-se de forma segura. Possibilidade essa que possivelmente se apresentariam de forma desordenada, e sem a instrução devida fora do ambiente escolar.

METODOLOGIA

O relato de experiência deve descrever a experiência tida, e por consequência apresentar, e promover reflexões a respeito do tema tratado, e construído por meio de uma prática. Os relatos aqui apresentados são os resultados obtidos durante a oficina, assim como dos entregues pelos estudantes por meio de um produto final, e de tudo que foi exposto por eles mediante uma roda de conversa, e que também serviu como método de avaliação da prática realizada.

Durante o tempo de 02 horas e 30 minutos, os estudantes do IFPE realizaram uma prática orientada a respeito do skate street. Esta apresentação foi realizada por meio de uma exposição oral dialogada, em uma área externa do instituto (mesmo local da prática), ela permitiu uma viagem histórica a respeito da história do skate no mundo, até a sua chegada ao Brasil. Após essa exposição, uma avaliação diagnóstica foi realizada com os estudantes antes da prática, e esta tinha por objetivo saber quais estavam tendo o contato com a prática pela primeira vez, e quais deles já haviam realizado a prática em algum outro momento.

Em sequência a este momento, as partes que compõem o skate, foram apresentados aos estudantes. O equilíbrio foi passado para os participantes por meio da postura que os mesmos deveriam manter ao subir no skate. Para isso, situação de equilíbrio e desequilíbrio

constante foram trabalhados em solo, e posteriormente em cima de apenas um shape (parte de madeira do skate), neste momento de equilíbrio, o mesmo se apresentava sem rodas.

Durante o momento da oficina prática, os 16 estudantes participantes foram divididos em duplas, e cada dupla ficou responsável por um, dos 8 skates que se apresentaram disponíveis. Antes da experimentação prática, o método de demonstração didática foi apresentado, e posteriormente os estudantes puderam executar o ato de vedar (ato de se deslocar em cima do skate pelo espaço). Vale ressaltar que toda essa atividade foi acompanhada de perto, para que ninguém viesse a ter nenhuma queda mais acentuada.

Como parte final da oficina, foi sugerido para os estudantes que dentro de suas respectivas duplas, eles classificassem três palavras que melhor significasse para eles a prática do skate, assim como que viessem a criar tanto um nome, quanto uma logotipo para a dupla, representando assim algo muito presente nas tribos de skate durante os anos 80 no Estado de São Paulo, e que teve seu ponto mais alto durante a proibição do skate no ano de 1988, pelo então Governador do Estado Jânio Quadros (BACCARO, 2010). Após a entrega do produto final, o encerramento da oficina se deu por meio de mais uma roda de conversa, onde foi possível obter a percepção dos estudantes a respeito da prática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo da oficina foi possível observar que o skate, independente da modalidade que venha a ser apresentada, pode vir a ter um lugar ainda mais presente dentro das escolas. O espaço que as práticas corporais de aventura tem passado a ter dentro das escolas, por se tratar de algo novo, tem tido um poder ainda maior de se aproximar dos estudantes. Ao longo das rodas de conversa, foi possível receber dos estudantes que vários medos vieram a ser superados.

Quase que como um contraponto ao proposto por Elias Norbert (1994), o processo civilizador ao corpo que passa a radicalizar-se por meio de uma prática corporal, também trás consigo características subversivas escritas em sua gênese. Durante as discussões propostas pela roda de conversa, foi possível perceber aquilo que os estudantes acham a respeito da presença do skate nas aulas de educação física como um todo. Segundo uma estudante, a mesma disse que gostava bastante quando conteúdos que são “marginalizados”, passam a ter

presença dentro da escola; ainda durante sua fala, a mesma relatou que não conhecia o conteúdo práticas corporais de aventura.

A fala desta estudante traz consigo suas vivências. Curiosamente, durante a análise diagnóstica feita com a turma, esta foi uma das duas pessoas que disse já ter tido contato com o skate. O outro relato que também se apresentou de forma mais contundente, foi o de um jovem que disse ter sido forçado a realizar a prática do skate quando mais jovem pelo pai. Segundo o mesmo, o pai o colocava em situações desconfortáveis quando criança, por sobre a prerrogativa de que isso era necessário para que ele viesse a se tornar forte.

Para o mesmo, estar presente nesta oficina era a última opção. Diante da falta do que se inscrever, o mesmo acabou optando pela oficina, e encontrou desta vez uma segurança maior, e por consequência um desejo maior de realizar a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando por base a experiência vivenciada com os estudantes, foi possível observar que a presença do skate dentro do ambiente escolar é extremamente necessário, tanto para que medos possam vir a serem superados por parte dos estudantes, assim como para que a marginalização que foi um dos pontos trazidos pelos estudantes possam vir a ser quebrado, cumprindo assim uma das muitas funções sociais da escola.

A educação física se apresenta dentro das escolas brasileiras como sendo capaz de construir por meio da cultura corporal um arsenal rico, e cada vez mais repleto na vida dos estudantes, permitindo assim que esses venham a acessar conteúdos e práticas corporais aos quais se apresentam descontextualizadas fora do ambiente escolar.

Palavras-Chave: Skate, Escola, Educação Física.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), por me proporcionar a experiência de atuar dentro da área da educação por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa patrocinado pela

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Todos esses três têm sido de grande importância na minha construção acadêmica até aqui, e a esses o meu muito obrigado.

Meu agradecimento também a todos os colegas do núcleo de PIBID de Licenciatura em Educação Física da UFRPE, pelo apoio durante a oficina, assim como dos skatistas do bairro de Ponte dos Carvalhos, no município do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco pelo apoio prestado com o empréstimo dos skates, e equipamentos de segurança para que esta oficina se tornasse possível.

REFERÊNCIAS

BACCARO, Daniel (dir.). *Vida Sobre Rodas*. Brasil: Goma Filmes / Miravista, 2010. (Longa-metragem).

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (orgs.). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

